



UM OLHAR SOBRE A DIFERENÇA QUE HABITA EM TODOS*

Aline Maira Batistella¹

Hidelberto de Sousa Ribeiro²

RESUMO - Neste trabalho são apresentadas algumas questões acerca da visão que se possui na atualidade sobre a homossexualidade. Como tal visão é influenciada por valores culturais e ideológicos sustentadas por relações de poder. Os resultados da pesquisa apontam para a necessidade de interpretar a concepção de sujeito na modernidade como uma criação da sociedade ocidental, que tem como objetivo normatizar e padronizar comportamentos para, assim, sustentar valores sociais de dominação. A metodologia utilizada é a qualitativa e a pesquisa bibliográfica está baseada em autores que tratam da análise do discurso, Ciências Sociais e Humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade. Cultura. Relações de poder.

ABSTRACT - A few questions about the vision of homosexuality in the actuality are presented in this paper, and also the way this vision is influenced by cultural and ideological values sustained by power relations. In order to achieve it, it is necessary to interpret the conception of the modern individual as a creation of the occidental society, who aims to standardize and rule behaviors and this way to sustain social values of domination.

KEYWORDS: Homosexuality. Culture. Power Relations.

¹ Pós-Graduada em Gêneros Textuais na Escola, pelo Campus Universitário do Araguaia - UFMT. Graduação em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário do Araguaia/UFMT. Indigenista Especializada no Centro Cultural Ikuiapá/Museu do Índio/Fundação Nacional do Índio – FUNAI. End. Barão de Melgaço, 3944. Centro Norte. Cuiabá-MT. CEP: 78005-300. E-mail: [aline.batistella@funai.gov.br/](mailto:aline.batistella@funai.gov.br)

² Pós-Doutor em Geopolítica (UNICAMP), Doutor em Sociologia (UNESP/Araraquara), Mestre em Geografia Humana (USP/SP). Professor de Sociologia e Geografia no Campus Universitário do Araguaia/UFMT. End.: Rua José Pedro, 63 – Cidade Velha, 78.600-000, Barra do Garças-MT. E-mail: hidelberto@ufmt.br

* O artigo é consequência de pesquisa solicitada como pré-requisito para a conclusão do Curso de Especialização em Gêneros Textuais na Escola/UFMT, período de 2008-2010, sob a orientação do Prof. Hidelberto de Sousa Ribeiro. A metodologia utilizada foi a qualitativa e a coleta de dados é alicerçada em literatura científica que trata da análise do discurso, Ciências Sociais e Humanas em relação à construção da concepção de sujeito na modernidade e as relações de poder que normatizam preconceito em relação ao homossexual.



1. INTRODUÇÃO

“A verdadeira questão não é saber se, procurando compreender, se ganha ou se perde sentido, mas se o sentido que se preserva vale mais do que aquele a que se tem a sabedoria de renunciar.”

Claude Lévi-Strauss

Tem-se, aqui, a intenção de questionar alguns pontos sobre a inquietante relação existente na construção do sujeito da modernidade e o papel do objeto de desejo desse sujeito, de maneira mais específica o homossexual. Visto que vivemos um tempo em que a necessidade de aceitação do outro e das diferenças se tornam prementes, já que em um mundo globalizado as diferenças são confrontadas com maior frequência, mas paradoxalmente suprimidas pela tentativa de homogeneizar comportamentos. Para tanto, o problema de pesquisa eleito para o presente estudo atenta-se para entender como a construção da noção de sujeito na modernidade nos vincula a uma visão normativa e preconceituosa em relação à diferença.

Conforme Hall (2001) discute em sua obra que vivemos uma crise denominada “crise de identidade” em que as mudanças e transformações sociais ocasionadas pelo processo de globalização procederam à alteração significativa em que o sujeito na pós-modernidade se configura por apresentar várias identidades, contrapondo a ideia do Iluminismo em que o sujeito encontrava-se centrado na pessoa e na razão, e a noção sociológica de interação. Nessa perspectiva a concepção de identidade é alterada, já que o referido autor utiliza a ideia de “deslocamento” que traz a baila à abertura de novas possibilidades identitárias que para o mesmo autor são fragmentadas, plurais e contraditórias.

É importante salientar a influência do pensamento de Mikhail Bakhtin (2006), Michel Foucault (1984), Claude Lévi-Strauss (2006) e Stuart Hall (2001) na formação dessa concepção, já que cada um a seu modo apresenta as diversas nuances do sujeito e de suas formações identitárias.

A metodologia utilizada, de cunho qualitativo, tenta responder ao problema de pesquisa, a fim de contextualizar socialmente o tema e buscar o apoio de discussões científicas para o que se pretende analisar e refletir. Os resultados alcançados demonstram que o processo cultural e a linguagem são elementos condicionantes da relação de preconceito,



vivenciada pelos homossexuais na sociedade ocidental. É importante ressaltar que esse estudo antecede a decisão do STF (Supremo Tribunal Federal) que regulamenta a união estável entre homoafetivos.³

2. AS DIVERSAS LINGUAGENS E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

A palavra utilizada para nomear as relações homossexuais sofreu uma série de transformações no decorrer histórico, sendo que tais mudanças podem ser observadas, também, na maneira como o sujeito é concebido em épocas distintas. Nesse sentido, a frase do grego Heráclito “tudo corre” dá sentido a teoria de Bakhtin (2006) e, a partir de sua reflexão, podemos explicar a importância do signo linguístico para a interpretação da temática proposta, já que na concepção bakhtiniana a palavra é carregada de ideologia, leva-nos, ainda, a refletir sobre os conceitos de infraestrutura e superestrutura, que na visão marxista, são fixos, mas para Bakhtin (2006, p. 43) podem ser mutuamente influenciados, já que a linguagem provoca interação entre tais elementos em um processo dialógico e dialético.

Strauss em comentário feito na obra de Mauss (2003, p. 29) nos diz que “os símbolos são mais reais que aquilo que simbolizam, o significante precede e determina o significado”, e o que os determina tais significações são os referenciais culturais.

Vale ressaltar que as palavras possuem sentidos a partir de contextos e situações de uso, e que cada enunciado é único, por isso, quando se concebe que os sujeitos também o são, e dependendo dos aparelhos ideológicos aos quais o indivíduo é exposto, terá ideologias diversas que serão perpassadas em seus discursos e enunciados. Logo, a noção de enunciados singulares é defendida pelo fato de que cada contexto e situação em que as palavras se organizam jamais se repetem da mesma forma, pois, em cada relação dialógica, o sujeito locutor e o sujeito interlocutor vivenciam realidades distintas que ora podem ser contratuais, ora polêmicas. Dessa forma, podemos observar que as palavras usadas para nomear a diversidade em relação à orientação sexual sofreram alterações significativas no decorrer do tempo histórico, ora aceita, ora repudiada como observamos na expressão contida na obra de

³ BRASIL, Supremo Tribunal Federal. **ADI 4277**. Relator Ministro Carlos Ayres Britto. Brasília, 05 mai. 2011. Disponível em: <[http://www.stf.jus.br/portal/geral/verPdfPaginado.asp?id=400547&tipo=TP&descricao=A DI%204277](http://www.stf.jus.br/portal/geral/verPdfPaginado.asp?id=400547&tipo=TP&descricao=A%20DI%204277)> Acesso em: 20 de out. de 2012.



Cardoso (1935, p. 13) “o amor que não ousa dizer o seu nome” título criado por Oscar Wilde, escritor irlandês que teve sua vida destruída por assumir uma relação homossexual no séc. XIX.

A partir das considerações sobre o papel da linguagem passamos a considerar as relações culturais que as sustentam ideologicamente. É preciso então observar que na contemporaneidade o homem procura formas de identificação socioculturais que antes eram fixas e que hoje são híbridas como afirma Hall:

O sujeito pós-moderno, conceptualizado não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 2001, p. 13)

Em a História da Sexualidade: A vontade de saber (1984), Foucault vai debater o que se chama de “hipótese repressiva”. Por meio dessa hipótese, formula-se a ideia de que a partir do século XVII ocorreu um forte movimento de repressão ao sexo em todas as suas manifestações, tal repressão estaria atrelada ao início do capitalismo, na visão do autor o sexo é normatizado de acordo com as necessidades do sistema citado.

Assim, vê-se surgir uma proliferação de discursos oficiais sobre sexo com o objetivo de dividir e classificar os sujeitos e suas práticas, para dessa forma, facilitar a ação do poder, que passa a utilizar diversas técnicas de incitação à fala sobre o sexo, a divisão, a classificação, e ordenação de tudo que se refere ao sexo e a sexualidade. A superação dessa noção de repressão ao sexo é fundamental para se compreender de que forma a sociedade vem gerindo a sexualidade de maneira controladora. A partir daqui é necessário compreender as questões referentes ao que Foucault (1984) denominou “dispositivo de sexualidade”. Para ele, este seria o meio pelo qual a sexualidade é regida, bem como o sexo disciplinado. Logo, por “dispositivo de sexualidade”, entendem-se práticas discursivas e não discursivas, saberes e poderes que visam normalizar, controlar e estabelecer verdades a respeito do corpo e seus prazeres.

O dispositivo é um tipo de formação que, em determinado momento histórico, teve como função principal responder as demandas sociais, políticas e/ ou morais, um exemplo foram as teorias sobre caracterologia do médico italiano Cesare Lombroso que durante o final



do século XIX até meados de 1930 foram aceitas pela sociedade ocidental e utilizadas pela criminologia e medicina forense⁴.

As regras com suas verdades e valores morais, ditam o que deve ser praticado, interferem na subjetividade e nas construções individuais. Esta influência se dá em todos os seres “sujeitados”, sejam eles hetero ou homossexuais. E como afirma Strauss “O leque das culturas humanas é tão vasto, tão variado (e de fácil manipulação) que, sem dificuldades, encontramos argumentos que sustentam toda e qualquer hipótese.” (LÉVI-STRAUSS apud CECARELLI, 2008).

Vale ressaltar que os médicos tiveram grande influência na formação de um padrão de controle no que tange ao conceito de “normalidade sexual”, já que por volta de 1870 os psiquiatras começaram a constituir a homossexualidade como objeto de análise médica. Nesse sentido, certas imposições culturais são introduzidas na sociedade sem que se perceba, ou seja, vão aos poucos sendo interiorizadas e se tornam verdades em determinada cultura e tempo histórico. Daí a questão da homossexualidade que de aceita até a Idade Média passa a ser considerada uma patologia até a década de 1970.

É importante observar o interesse da visão judaico-cristã em defender a criação do conceito de família e ditar padrões de normalidade para a manutenção da sociedade moderna, já que as relações de trabalho e a concepção do homem, como se concebe ainda hoje partem do princípio de um núcleo familiar organizado com regras e padrões rígidos de comportamento. Temos então a criação de um estigma como argumenta Goffman:

Um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto. Nós e os que não se afastam negativamente das expectativas particulares em questão serão por mim chamados de normais. (GOFFMAN, 1975, p. 14)

⁴ ALVAREZ, Marcos César. **O Homem Delinqüente e o Social Naturalizado**; apontamentos para uma história da criminologia no Brasil. Disponível em:
<<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/45/38>> Acesso em: 17 set. 2009.



Mas paradoxalmente, dentro de toda uma estrutura de poder a homossexualidade pode ser vista como um exemplo de resistência às verdades estabelecidas.

O que se tenta normatizar com a criação de padrões comportamentais não consegue abarcar todas as necessidades guardadas no inconsciente de cada indivíduo, por isso, a descoberta da psicanálise sobre o inconsciente e as relações entre objeto e desejo são fundamentais para o aprofundamento da questão ora em discussão. Contudo, é necessário observar as relações políticas que permeiam a questão e retomar o pensamento foucaultiano.

Veja que se não há resistência, não há relações de poder. Porque tudo seria simplesmente uma questão de obediência. A partir do momento que o indivíduo está em uma situação de não fazer o que quer, ele deve utilizar as relações de poder. A resistência vem em primeiro lugar, e ela permanece superior a todas as forças do processo, seu efeito obriga a mudarem as relações de poder. Eu penso que o termo "resistência" é a palavra mais importante, a palavra-chave dessa dinâmica (FOUCAULT, 1984, p. 26).

Nesse sentido, o poder responde a resistência por meio de uma exploração econômica da erotização, alguns pesquisadores do assunto vão inclusive afirmar que a indústria do erotismo já nasceu como comércio. E, a partir do espaço aberto pela mídia, pode-se constatar que discussões sobre homossexualidade passaram a figurar como tema constante, no entanto, discussão que poderia ter um caráter inovador no sentido da aceitação da diversidade de orientações existentes, acaba servindo para confirmar estereótipos e reforçá-los, por exemplo, na parada gay que ocorre anualmente na cidade de São Paulo, a mídia estampa as fotos das figuras exóticas, reforçando a ideia de anormalidade. Outro exemplo são os programas humorísticos que reafirmam a ignorância e desrespeito à maneira de ser de um determinado grupo, ou seja, a mídia acaba firmando uma visão estereotipada e estigmatizada em relação aos homossexuais.

Tal visão negativa é disseminada e respaldada por setores influentes, que veem a homossexualidade como um problema. Um exemplo é o preconceito implícito na palavra “homossexualismo”, termo utilizado ainda hoje por muitos, e que tem no sufixo “ismo” a indicação de patologia. Entretanto, Sigmund Freud já tinha outra posição explicitada na famosa carta escrita por ele, em 1935, a uma mãe americana que solicita seus conselhos sobre seu filho homossexual.



A homossexualidade não é, certamente, nenhuma vantagem, mas não é nada de que se tenha de envergonhar; nenhum vício, nenhuma degradação, não pode ser classificada como doença; nós a consideramos como uma variação da função sexual (JONES, 1979, p. 739 apud CECCARELLI, 2008).

A sociedade também mostra mudanças no âmbito jurídico. Podemos observar o Projeto de Lei nº. 122/2006, que criminaliza a discriminação por gênero, sexo, orientação sexual e identidade de gênero, atualmente em pauta para ser votado no Senado Federal.

Salientamos que para Foucault (1984), o corpo carrega uma série de ideologias relacionadas às relações de poder, pois deve obedecer a questões simbólicas e materiais, isto é, deve fazer-se amável, submisso, erótico, produtivo etc.

Foucault entende a sexualidade como campo no qual proliferam com maior força em nossa cultura, as práticas discursivas e, portanto, os efeitos de verdades normativas. Ele define a cultura ocidental como “sexo-cêntrica”: somos os únicos que inventamos a *scientia sexualis*, fazendo da sexualidade o lugar da auto-revelação e a verdade sobre si mesmo.

Para Foucault (1984, p. 98) as práticas que reunimos sob o rótulo geral de “sexualidade” constituíam o que a cultura Greco-romana chamou de “artes de existência”, isto é, práticas voluntárias em que além de regras de conduta são buscadas transformações e alterações que levem ao portador das modificações sofridas valores estéticos e de estilo.

Deve ficar claro que não existem estudos científicos suficientes para se determinar a origem da homossexualidade humana, até porque esses estudos vêm crescendo e tomando espaço no cenário científico há pouco mais de 30 anos.

Voltamos então à relevância dos aspectos culturais já que na concepção levi Straussiana (2006) em cada cultura são observadas significações diferentes, e que toda significação é “de posição”, ou seja, os termos em determinada cultura só podem ser interpretados a partir da estrutura do sistema que fazem parte.

Em primeiro lugar, as condições naturais não são aceitas passivamente. E o que é mais, elas não têm existência própria, pois são funções das técnicas e do gênero de vida da população que as define e que lhes dá um sentido, explorando-as numa determinada direção. A natureza não é contraditória em si; ela só o pode ser nos termos da atividade humana particular que nela se inscreve; e as propriedades do meio adquirem significações diferentes segundo a forma histórica e técnica de que se reveste este ou aquele gênero de atividade. (LÉVI-STRAUSS, 2006, p. 111)



Para Lévi-Strass (2006, p. 102) as escolhas já se manifestam na linguagem e nas escolhas vocabulares, logo, podemos entender que as relações e conceitos que são repassados dentro de uma determinada cultura são estruturados a partir dos interesses, os mais diversos, e a realidade nunca é a mais evidente, já que cada verdade é estabelecida em relação às condições histórico-sociais que se pretenda defender.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que foi discutido, neste artigo, podemos perceber o quanto tal temática é relevante não só como motivo para reflexão sobre a questão em tela, mas, também, porque a partir dela, observamos o quanto às relações linguísticas e culturais estão impregnadas de “verdades” impostas e não questionadas pela grande maioria das pessoas. Por isso, é essencial que pesquisas sejam realizadas pautadas pela ética e que busquem respaldo nos estudos antropológicos, sociológicos e linguísticos, para que tentem se despir da carga cultural que permeia tal temática, assim, se torne mais claro compreender os direitos individuais e não se continue a perpetuar preconceitos pautados pelas relações de poder estabelecido historicamente.

Entender que o respeito à diferença é fundamental para a qualidade de vida da sociedade na contemporaneidade, talvez seja a única forma de encontrar respostas para diferenças estabelecidas há tempos e aceitas como verdades inquestionáveis. Homossexualidade não é doença, todavia, as verdades culturais, impostas de forma sutil, fazem parecer que sempre existiu uma normalidade, um padrão que deva ser seguido sem questionamento. Cabe então questionar as verdades que são transmitidas para entender que o mais normal é que se tenha a consciência de mudança e de aceitação de que, como humano é fundamental compreender o que move o desejo de cada um, assim, entender que normal e anormal são conceitos criados a partir de interesses diversos.

Segundo Funke (2003, p. 59) Oscar Wilde, por ocasião de seu julgamento por manter uma relação homossexual com um rapaz mais novo, se posiciona de tal forma sobre o assunto que sua defesa pode ser vista como uma tese, a de que as mais variadas formas de orientação sempre existiram no decorrer da história.



O que mudou então? Pelos mais diversos sentidos: ideológicos, culturais, psicológicos, sociais o olhar para o tema mudou conforme os interesses dominantes em cada momento histórico.

Como seres humanos históricos que somos continuamos a mudar e, se nossa visão depende da maneira como os outros nos veem, é chegada a hora de vermos o outro não como o exótico, o selvagem, mas como um ser cultural, repleto de construções singulares. Portanto, há que se indagar sobre as percepções que temos do mundo consciente para então iniciarmos o processo de acesso ao inconsciente de cada um. Pois, o que denominamos de “verdade” pode estar encoberta pelos mais variados sentidos e referenciais culturais.

4. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. **Claude Lévi: transcrições Strauss e três lições de uma ciência primeira**. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/cronos/pdf/9.2/d06.pdf>> Acesso em: 21 set. 2009.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRASIL, Senado Federal. **Projeto de Lei da Câmara, nº 122** de 2006. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=79604> Acesso em: 15 jul. 2009.

BRASIL, Supremo Tribunal Federal. **ADI 4277**. Relator Ministro Carlos Ayres Britto. Brasília, 05 mai. 2011. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/geral/verPdfPaginado.asp?id=400547&tipo=TP&descricao=ADI%2F4277>> Acesso em: 20 de out. de 2012.

CARDOSO, Plínio Balmaceda. **Oscar Wilde**: estudo bio-bibliográfico. Rio de Janeiro: Editora Livraria do Globo, 1935.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **A invenção da homossexualidade**. Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades, Natal, ano 2, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.ceccarelli.psc.br/artigos/portugues/html/invhomo.htm>> Acesso em: 10 jun. 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FUNKE, Peter e Nóvoa, Maria. **Oscar Wilde**. São Paulo: Editora Círculo de Leitores, 2003.



GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro. Zarar, 1975.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Tradução de Tânia Pellegrini. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

_____. **Claude Lévi Strauss aos 90**. Scielo, Revista de Antropologia. v. 42. n. 1-2, São Paulo, 1999. Entrevista. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003477011999000100002&script=sci_arttext
Acesso em: 21 set. 2009.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

ORAISON, Marc. **Questão homossexual**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

ORTEGA, Francisco. **Resistência Sexual. A amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.